

UNIDADE 10

PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO

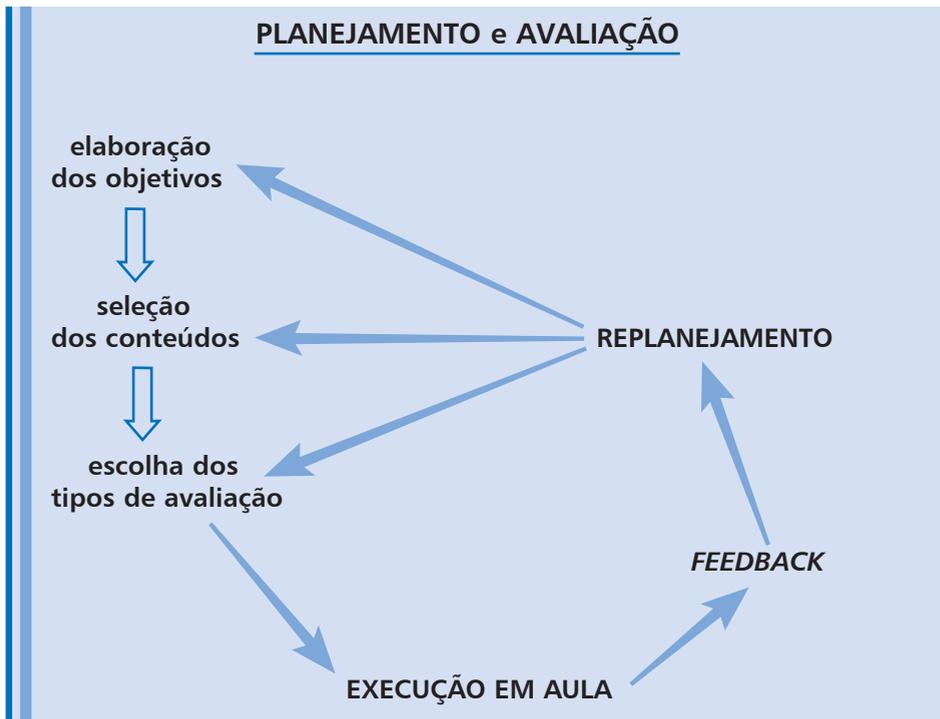
A avaliação é um processo contínuo que ocorre, ou deveria ocorrer, ao longo de todo o processo ensino-aprendizagem. É um grande erro pensar que só devemos avaliar quando necessitamos apresentar resultados; mais errônea ainda é a crença de que o ato de avaliar tem os/as estudantes como foco exclusivo.

A avaliação é um longo e delicado processo que deve contar com instrumentos e critérios estabelecidos de forma bem clara. Então, os procedimentos de avaliação devem ser do conhecimento de todos/todas os/as profissionais da instituição educacional, assim como dos/das estudantes e seus/suas responsáveis.

O mais importante do processo avaliativo é que ele promove o *feedback*, ou seja, um retorno de informações que permite aos/às docentes e aos/às estudantes uma revisão de suas práticas, reconhecendo os pontos falhos para os possíveis acertos. Por isso, é importante que os/as estudantes compreendam como é organizado o processo no qual estão inseridos/as e, primordialmente, estejam conscientes de que a avaliação não objetiva um mero julgamento, mas, necessariamente, busca auxiliá-los/as em seu autoconhecimento para um melhor desempenho na aprendizagem.

Através do *feedback*, a avaliação torna-se um recurso que o/a docente tem para melhor conhecer os/as estudantes e os efeitos de seu próprio trabalho com a turma. Da mesma forma, não sendo distorcida a função da avaliação, ela será vista pelos/pelas estudantes como um processo aliado ao seu desenvolvimento, uma visão clara de seu progresso e suas necessidades e não como um meio de provocar tensão.

Observe o esquema a seguir:



Os benefícios de um processo avaliativo delineado de forma eficaz podem ser verificados através das seguintes possibilidades:

- de conhecimento global dos/das estudantes, de forma que os/as docentes possam melhor auxiliá-los/as em seu desenvolvimento, já que identificam suas dificuldades de aprendizagem;
- de autoconhecimento dos/das estudantes que, ao perceberem suas falhas e necessidades, poderão orientar-se melhor na aprendizagem;
- de verificar se os objetivos propostos no planejamento foram atingidos, possibilitando, em caso negativo, um replanejamento, com novos métodos e estratégias;

- de análise para indicar se o currículo está adequado ao público a que se destina;
- de reorganizar a postura da escola como um todo.

O que fazer com os resultados?

Independentemente dos instrumentos ou dos procedimentos utilizados no processo de avaliação, os/as docentes devem sempre apresentar um resultado: mensal, bimestral ou final, conforme o caso. Dependendo da eficiência conseguida durante o processo, os/as estudantes vão superando suas dificuldades e os resultados passam a demonstrar um aspecto crescente de notas ou de conceitos.

Além da avaliação integral, a forma como se apresenta a nota ou o conceito tem significados diferentes na receptividade dos/das estudantes e seus responsáveis. Podemos imaginar o que significa uma nota cinco obtida em testes cognitivos por dois estudantes distintos? Cada estudante tem a sua história, suas dificuldades e seus sucessos. Sendo assim, para um desses estudantes, essa nota pode estar sinalizando problemas, dificuldades diversas. Para o outro, pelo contrário, pode ser um indicativo de progresso, de dificuldades superadas. Portanto, não devemos utilizar uma certa categoria de avaliação sem considerar o processo. Lembre-se: a avaliação não é um momento estanque, ela deve revelar uma história, uma trajetória.

Atividades:

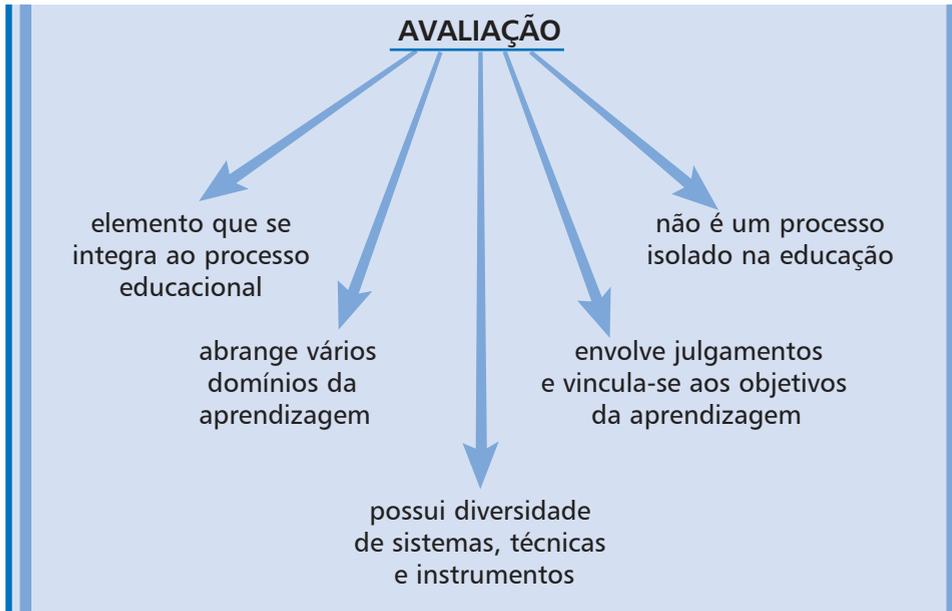
Antonio Gil apresenta uma série de “acusações” direcionadas aos **instrumentos de avaliação do domínio cognitivo** (provas e testes). Procure lê-las com muita atenção, fazendo uma análise crítica e assinalando sua concordância ou discordância:

- “provocarem situações de ansiedade e de *stress*”;
- “conduzirem a injustiças, em virtude da liberdade concedida aos professores”;

- c. “reduzirem-se geralmente ao controle da retenção de conhecimentos, deixando de lado aspectos importantes da inteligência e da personalidade”;
- d. “apresentarem-se, com freqüência, desvinculadas dos objetivos do curso”;
- e. “serem realizadas com alto grau de subjetividade”;
- f. “serem muito influenciadas pelos esteriótipos”;
- g. “consumirem demasiado tempo e energia dos professores e alunos”;
- h. “enfatarem mais a forma do que o conteúdo”;
- i. “desestimulem a expressão dos juízos pessoais do aluno”;
- j. “incentivarem a fraude”;
- k. “favorecerem a especulação com a sorte”;
- l. “exaltarem o desempenho individual em detrimento do trabalho de grupo”;
- m. “valorizarem demasiadamente o espírito de competição”;
- n. “fazerem com que o professor ensine em função das provas”;
- o. “dificultarem aos alunos avançar segundo o seu próprio ritmo”; e
- p. “não respeitarem o saber elaborado pelos alunos”.

(GIL, 1997, p. 106-107, grifo do autor)

Tudo em educação está diretamente relacionado a que tipo de pessoas pretende-se formar para a sociedade. Em se tratando de avaliação em educação, não deve ser diferente. A escolaridade e a avaliação trazem, implicitamente, um desejo de mudanças, sejam estas de cognição ou de valores.



Referências:

GIL, A. *Metodologia do ensino superior*. São Paulo: Atlas, 1997.